

Tempos e temporalidades. Contribuições para a descrição do ‘comentário’ como género¹

Antónia Coutinho
acoutinho@fcsh.unl.pt
NOVA FCSH, Universidade NOVA de Lisboa
CLUNL (Portugal)

Clara Nunes Correia
claranc@fcsh.unl.pt
NOVA FCSH, Universidade NOVA de Lisboa
CLUNL (Portugal)

ABSTRACT.

Grammatical tenses contribute to the characterization of temporality that is present in different texts and discourses. This observation is the starting point of the reflection presented in this paper. Thus, based on texts that circulate with the label ‘commentary’, we propose to verify how linguistic marks (used in the different forms and constructions of those texts) contribute to a description of what is (or could be) a commentary.

We start with the analysis of texts that are available in the *corpus G&T.Comenta* and we attempt to characterize the values of grammatical tenses in Portuguese, and the temporal locators that contribute to the construction of temporality in those texts. This approach allows for relating textual genres and types of discourse (Bronckart, 1997). The proposals developed within the scope of Sociodiscursive Interactionism will be followed as a guiding principle.

To account in a sustainable way for the values that derive from the various grammatical tenses used in those texts, we will consider the proposals that were developed within the perspective of the Enunciative Formal Theory (Culioli 1995), among others. Based on this framework, it is assumed that the different values characterizing grammatical tenses derive from the interrelation between different grammatical categories such as aspect and modality.

The relationships that can be established in the articulation between a micro analysis (centered on forms and constructions) and a macro analysis (which captures the text as a complex whole), will allow us to contribute to a characterization that we consider useful not only for defining properties of texts that are included in the commentary genre, but also for defining the values of grammatical tenses.

¹ Para a Professora Fátima Oliveira, pelo tempo que dedicou ao TEMPO e por tudo o que o seu trabalho continua(rá) a ensinar.

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/LIN/03213/2020 e UIDP/LIN/03213/2020 – Centro de Linguística da Universidade NOVA de Lisboa (CLUNL).

KEYWORDS.

Comment/commentary; forms and constructions; tenses; textual genres; types of discourse.

RESUMO.

Os tempos gramaticais contribuem para a caracterização da temporalidade presente nos diferentes textos e discursos. Esta constatação constitui o ponto de partida para a reflexão presente neste artigo. Assim, e tendo como base textos que circulam com a etiqueta 'comentário', propomo-nos verificar de que forma as diferentes marcas linguísticas (presentes nas diferentes formas e construções que integram esses textos) contribuem para uma caracterização do que é (ou pode ser) o comentário.

Partindo da análise de textos disponíveis no *corpus G&T.Comenta* procuramos relacionar géneros textuais e tipos de discurso (Bronckart 1997), caracterizar os valores dos tempos gramaticais e os localizadores temporais que contribuem para a construção da temporalidade nesses textos. Seguimos como princípio orientador as propostas desenvolvidas no âmbito do Interacionismo Sociodiscursivo (doravante ISD).

Para dar conta, de forma sustentável, dos valores que decorrem dos diferentes tempos gramaticais presentes nesses textos, recorreremos, e.o., às propostas desenvolvidas na perspetiva da Teoria Formal Enunciativa (Culioli 1995, e.o.). É tendo como suporte esta proposta que assumiremos os diferentes valores que caracterizam os tempos gramaticais como resultantes da inter-relação entre categorias gramaticais diferentes, sendo, por isso possível, associar aos valores temporais que as formas e as construções em análise denotam, leituras de natureza aspetual e modal.

As relações que se podem estabelecer nesta articulação entre uma análise micro (centrada nas formas e construções) e uma análise mais macro (que capta os textos como um todo complexo), previsivelmente permite contribuir para uma caracterização que julgamos interessante quer das propriedades de textos que se inscrevem no género comentário, quer dos valores que os tempos gramaticais evidenciam por se incluírem nesses textos.

PALAVRAS-CHAVE.

Comentário; formas e construções; géneros textuais; tempos gramaticais; tipos de discurso.

O tempo pergunta ao tempo o tempo que o tempo tem. O tempo responde ao tempo que o tempo tem o tempo que o tempo tem.

Trava-línguas, tradicional

1. Introdução

Nos estudos gramaticais aceita-se, de uma forma geral, que os diferentes tempos resultam de um processo de gramaticalização de um tempo cronológico (c.f., e.o., Lyons 1977), aceitando-se que, e seguindo Givón (2001), p.e., “(...) [t]he category tense involves the systematic coding of the relationship between two points along the ordered linear dimension of time. (...)”. Esta generalização dá, preferencialmente, conta do funcionamento de línguas em que os valores de anterioridade, de simultaneidade ou de posterioridade são marcados através de paradigmas associados a classes de palavras (verbos, advérbios) ou a localizações de natureza déctica.

Uma outra forma de entender o ‘tempo’ poderá partir de uma hipótese em que o ‘tempo’ é assumido como parâmetro abstrato. Designado formalmente como T_0 (cf., e.o., Campos 1997, Culioli 1995), assume-se este parâmetro como o ‘tempo’ da enunciação (parâmetro enunciativo) das ocorrências temporais disponíveis nas diferentes línguas. Deste modo, as formas (e/ou as construções) que marcam temporalmente as sequências linguísticas são entendidas como marcadoras dessa categoria, podendo ser analisadas como entidades que se localizam sucessivamente em relação a T_0 . De acordo com esta proposta, as ocorrências temporais podem integrar um conjunto alargado de possibilidades de natureza gramatical: marcas de flexão verbal, estruturas adverbiais, partículas, ordem de palavras. Se nos centrarmos no conceito de tempo estritamente gramatical (ou tempo de uma frase), este “(...) consiste na localização temporal da situação descrita na frase num determinado ponto ou intervalo [de um eixo linearmente ordenado] (...)” (Oliveira 2013: 510).

As diferentes orientações subjacentes às referências acima enunciadas são compatíveis com um outro ponto de vista, segundo o qual o estudo e a descrição do funcionamento das formas disponíveis nas diferentes línguas poderão ganhar se se tiverem em conta parâmetros associados a uma perspectiva (de análise) discursiva e textual. Deste ponto de vista, salientamos o destaque dado por Fátima Oliveira, já em 1998, a questões de sequencialização dos tempos, sublinhando explicitamente a autora que “o estudo da semântica dos tempos, como, aliás, de uma série de outros nomes linguísticos, deve ter o texto e não a frase isolada como objeto de análise, [...]”.

(Oliveira 1998: 421). É também esta a orientação que privilegiamos (embora admitindo que a noção de *texto* possa não ser sempre necessariamente coincidente). Para tal, retomamos a forma como Bronckart (1997: 285-288) comenta e reformula a conceção tricotómica da temporalidade, o que o leva a identificar quatro funções de coesão verbal, suscetíveis de se verem realizadas em segmentos de diferentes *tipos discursivos* – noção central no quadro do Interacionismo Sociodiscursivo (doravante, ISD) em que o autor se situa (e que conceptualizou e estabilizou)². Embora seja assumido, no âmbito do ISD, que os tipos discursivos podem ser mobilizados em qualquer género de texto, é também reconhecida a possibilidade de identificar correlações – pelo menos tendenciais – entre tipos discursivos e (alguns) géneros de texto³.

Assim, tendo por base dados recolhidos no *corpus G&T.Comenta*⁴, propomo-nos mostrar de que forma a plasticidade associada a formas e construções denotadoras de ‘tempo’ se associam a tipos discursivos e contribuem para descrever a identidade de textos produzidos sob a etiqueta *comentário* – o que, em última análise, deverá fornecer argumentos para se compreender até que ponto se pode falar do comentário como género de texto.

Nas duas secções seguintes (2 e 3) retomaremos as perspetivas gramaticais e textuais agora brevemente enunciadas. A secção 4 começa por apresentar os textos selecionados para este trabalho. As análises que se seguem desenvolvem-se sempre em duas etapas, articulando uma abordagem de tipo macro, que pretende captar a forma como a questão do tempo contribui para a configuração dos textos como um todo, com uma análise mais fina das formas e construções em ocorrência, a evidenciar o que uma perspetiva transcategorial pode acrescentar. No conjunto, pretendemos dar conta de alguns dos aspetos que conferem aos textos em análise o estatuto de comentários – como será evidenciado nas notas conclusivas.

2 Sobre a noção de tipos discursivos no quadro do ISD, veja-se Bronckart (1997), Coutinho (2019).

3 Veja-se, nomeadamente, Coutinho & Jorge 2012.

4 *G&T.Comenta*, CLUNL, 2020: <https://clunl.fcsh.unl.pt/en/investigacao/projetos-curso/gt-comenta/>.

2. Tempos gramaticais e temporalidade das situações

Na análise e descrição dos tempos gramaticais das línguas, e sobretudo do português, é tradicionalmente sublinhada a discrepância existente entre a ‘etiquetagem’ associada a paradigmas flexionais e os valores que essas formas manifestam quando integram frases e enunciados.

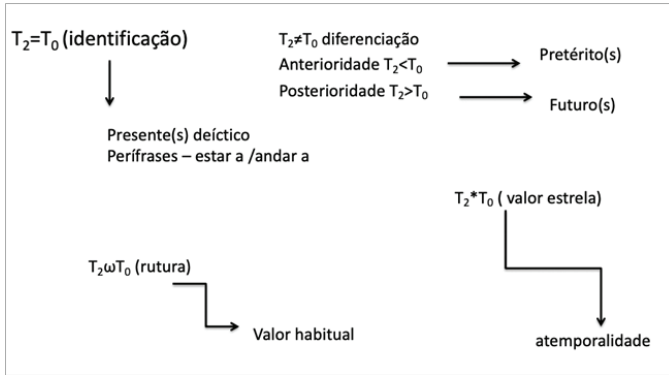
Assim, em português, numa dada situação marcada pelo presente do indicativo (Plnd), o acontecimento descrito pode não ser simultâneo ao momento da enunciação, integrando situações que denotam diferentes localizações no eixo temporal. Esta flexibilidade temporal pode igualmente ser observada com formas de ‘futuro’ que podem não marcar valores temporais, ou com os tempos do passado que podem não marcar exclusivamente anterioridade.

Estas observações muito gerais permitem-nos afirmar que a temporalidade atribuída a uma dada situação assenta na inter-relação que as diferentes formas verbais estabelecem com outras formas que ocorrem nas diversas situações produzidas e reconhecidas pelos falantes de uma dada língua. Quando se trabalha em domínios de frases complexas estas constatações ganham uma maior acuidade. Oliveira (2013) mostra que, em frases adverbiais temporais marcadas por *quando*, *antes de* e *depois de*, estas conjunções e locuções desencadeiam ‘um cálculo’ que interfere com o tempo das diferentes orações envolvidas: “(...) o tempo da situação expressa na oração principal (...) tem de ser calculado não só em relação ao tempo da enunciação, mas também em relação ao tempo da situação descrita na oração subordinada (...)” (Oliveira 2013: 512). Esta observação vai ao encontro da generalidade das descrições sobre a relevância dada aos diferentes marcadores de tempo na construção da temporalidade nas línguas.

A relação que se estabelece entre formas linguísticas que denotam ‘tempo’ e os valores que manifestam encontra nos trabalhos defendidos no âmbito da Teoria Formal Enunciativa (Culioli 1990, Campos 1997, e.o) uma estabilidade descritiva. O Esquema 1 pretende representar alguns dos valores que os tempos gramaticais podem evidenciar, em diferentes situações, gerando, por isso, interpretações diferenciadas, podendo observar-se que nas situações linguísticas construídas e reconhecidas pelos falantes de uma determinada língua – neste caso o português – é possível isolar valores de

ordem identificacional, diferencial, de rutura, ou de natureza atemporal, independentemente da sua ancoragem temporal.

ESQUEMA 1 – Tempos gramaticais e relações entre o tempo da enunciação (T_0) e o tempo do enunciado (T_2)



Note-se que cada um dos valores acima referidos pode estar associado a um ou a vários tempos gramaticais⁵. No entanto, talvez seja interessante referir que o Plnd é o tempo gramatical que, em português, pode assumir qualquer um dos valores acima representados. Esta plasticidade reforça, na nossa opinião, a disjunção possível entre formas (tempo gramatical) e valores (temporalidade) que pretendemos aqui discutir.

3. Os tempos nos textos

Como já atrás foi referido, Bronckart (1997: 285-288) retoma a conceção tricotómica da temporalidade (momento de produção, momento psicológico de referência, momento do processo), contrapondo, como fatores a tomar em consideração: a *duração da produção*, enquanto representação psicologicamente construída (e não o momento de produção, entendido de

5 Dos valores de anterioridade estrita deve ser excluído o pretérito perfeito composto (PPC), uma vez que este tempo gramatical, em português, inclui o tempo da enunciação (T_0) na sua definição. Sobre os valores do PPC, cf. e.o., Campos [1982]1997 e Oliveira 2003 e 2013.

forma estrita numa perspetiva fiscalista); os *eixos de referência temporal*, que correspondem à duração, formal ou psicológica, em que se desenrolam os mundos discursivos, configurados nos tipos discursivos da ordem do narrar e do expor (podendo verificar-se, para além do eixo de referência temporal global associado a um tipo discursivo, a coexistência de eixos locais); os *processos verbalizados*, situados ou não numa temporalidade tida como objetiva. Em função destes parâmetros, o autor explicita quatro funções de coesão verbal: duas funções de temporalidade, que põem em relação o parâmetro fonte que constitui o processo com o parâmetro de controle, ou situam o processo em relação a esse parâmetro de controle; e duas funções de contraste, que opõem os processos entre si (não os situando em relação a parâmetros de controle, como nas funções de temporalidade). Ainda que na obra a que nos reportamos, e que data de 1997, a coesão verbal apareça integrada nos mecanismos de textualização, a descrição aqui brevemente apresentada antecipa a reformulação que o autor virá a formular mais tarde (Bronckart 2008: 79): reiterando a importância da estruturação temporal para a caracterização dos tipos discursivos, o modelo deixa de associar a coesão verbal aos mecanismos de textualização, passando a integrá-la na infraestrutura textual (em que se situam os tipos discursivos). Esclarecida esta questão, apresentamos em seguida, sob forma de tabela, a sistematização das quatro funções de coesão verbal apontadas pelo autor.

TABELA 1 – Funções de coesão verbal (a partir de Bronckart 1997: 287-288)

Funções	Descrição		
Temporalidade primeira Função de localização (<i>repérage</i>), em termos culiolianos	O processo é diretamente posto em relação	- com a duração associada ao ato de produção	Localizações de anterioridade, simultaneidade e posterioridade
		- com o eixo de referência global de um tipo discursivo	Localizações neutras e localizações isocrónica, retroativa e proativa
		- com um eixo de referência local	Localização de inclusão

Temporalidade segunda Função relativa ou indireta	Situa um processo em relação a outro processo, que é por sua vez posto em relação com um dos parâmetros de controle (duração associada ao ato de produção, eixo de referência global de um tipo discursivo ou eixo de referência local)	Um processo é apresentado como anterior, simultâneo ou posterior a outro processo, que é por sua localizado (em termos de temporalidade primeira)
Contraste global	Opõe os processos entre si	Há séries isotópicas de um processo que aparecem em primeiro plano, enquanto outras constituem o plano de fundo
Contraste local		Um dos processos apresenta-se como quadro a partir do qual se destaca, localmente, outro processo

Sem retomar aqui, de forma pormenorizada, a análise exemplificativa que o autor apresenta, relacionando estas funções de coesão verbal com os quatro tipos discursivos identificados, convirá sublinhar o facto de ser referida a incompatibilidade do discurso teórico com as funções de contraste (global e local), bem como a reduzida relevância das mesmas, no caso do discurso interativo (Bronckart 1997: 304, 308). Não se pode excluir, a partir daqui, a possibilidade de se verificarem relações de contraste em comentários – tanto mais que, como se verá à frente, a previsibilidade relativamente à predominância de segmentos discursivos da ordem do expor em comentários nem sempre se verifica. No entanto, tendo em conta a temática central deste trabalho, apenas as relações de temporalidade serão retomadas nas análises que se seguem.

4. Comentar os comentários

Os textos que suportam esta análise integram o corpus *G&T.Comenta*, que reúne textos de natureza diversa, seleccionados em função de uma característica comum: apresentarem-se autorreferencialmente como *comentários*. Para além da diversidade temática, os três textos escolhidos para análise manifestam diferenças de ordem contextual, eventualmente relacionadas com decisões editoriais: trata-se de um comentário jornalístico; um comentário que, sendo também jornalístico, aparece como comentário de especialista; e um comentário, recolhido em livro, que corresponde a uma intervenção anterior, realizada oralmente num colóquio. Não é

objetivo deste trabalho desenvolver estes aspetos, ainda que alguns deles possam ser compreendidos através das fichas técnicas – que podem ser consultadas, assim como os textos, disponíveis para leitura integral, nas hiperligações a seguir apresentadas na Tabela 2.

TABELA 2 – Textos em análise

Título	Hiperligação
<i>O novo faraó esvaziou a Tahir</i>	https://projetos.dhlab.fcsh.unl.pt/s/GTComenta/item/4618
<i>As últimas da Photokina</i>	https://projetos.dhlab.fcsh.unl.pt/s/GTComenta/item/4627
<i>Comentário</i>	https://projetos.dhlab.fcsh.unl.pt/s/GTComenta/item/4862

Como já foi referido, as análises que se seguem desenvolvem-se sempre articulando duas etapas: uma, centrada sobre os textos na sua globalidade, identificando o papel das relações de tempo na configuração genológica dos comentários; e outra que destaca a diversidade de formas e construções que contribuem, localmente, para estabelecer relações de temporalidade e de subjetividade, obviamente determinantes para validar o estatuto de comentário.

4.1. Comentário e comentar: uma questão de ponto de vista

Uma leitura panorâmica do texto *O novo faraó esvaziou a Tahir* evidencia sem dificuldade que recorre predominantemente a segmentos da ordem do narrar, localizados, portanto, relativamente a uma origem temporal (ou espaço-temporal) distinta da da situação de produção. Trata-se de narrar implicado, uma vez que essa origem é de natureza deíctica, marcada, logo no início, pelo localizador temporal deíctico “*por estes dias, há cinco anos*”⁶. Assim, o eixo de referência temporal do processo narrativo, desencadeado (e delimitado à esquerda) pelo localizador deíctico referido, mantém uma relação inalterável com a duração do ato de produção – ficando em causa, na função de temporalidade primeira, a relação com o eixo de referência temporal deste tipo discursivo (relato interativo, ou narrar implicado). É essa

6 Trata-se, de facto, de um localizador espaço-temporal: “por estes dias, há cinco anos, **no Cairo**”.

relação que configura de forma determinante o plano do texto, uma vez que é dominante pelo menos em dois dos três blocos textuais⁷ em que se organiza (cf. Figura 1).

FIGURA 1 – Plano do texto *O novo faraó esvaziou a Tahir*

1º bloco textual	1º§	A “revolução parece gostar do Inverno”, <u>dizia-se por estes dias, há cinco anos</u> , no Cairo. ..., a Praça Tahir <u>voltava a encher-se ...</u> ; <u>pediam-se</u> ainda indeminizações ...
	2º§	<u>Eram</u> tempos de esperança e de resistência: num só domingo, 22 de Novembro de 2011, pelo menos 24 pessoas eram mortas a tiro ou asfixiadas com gás lacrimogéneo. A frase acima foi dita ao PÚBLICO <u>nessa noite</u> por Mona Soueif, do movimento No Military Trials, irmã de Alaa Abd El Fattah, um dos rostos da revolução, com longos períodos preso. “Estou tão cansada de tentar perceber por que é que nos atacaram”, <u>dizia</u> também [nessa noite] Soueif. Mas <u>logo depois</u> [dizia]: “Isto parece-me muito com Janeiro e Fevereiro. Espero que seja <u>uma nova vaga da revolução.</u> ”
	3º§	<u>Cinco anos depois</u> , na Thair do Cairo, só <u>há</u> tanques. Nem uma bandeira, uma faixa, nem um manifestante. <u>A nova vaga</u> <u>tarda.</u>
2º bloco textual	4º§	<u>Em 2011, em Novembro</u> , a praça símbolo das revoltas árabes <u>estava ocupada</u> por uma multidão que <u>gritava</u> contra o SCAF – ...
	5º§	Os egípcios <u>gritaram, resistiram e morreram</u> às dezenas. O medo, aquela barreira de uma força paralisante que <u>caíra</u> em Janeiro, ainda não estava de regresso.
	6º§	Por causa disso, <u>em Dezembro</u> , <u>houve</u> eleições legislativas. <u>No ano seguinte</u> , presidenciais, as primeiras democráticas. <u>Venceu</u> Mohamed Morsi, da Irmandade Muçulmana, à segunda volta, com 52%. Mal esteve um ano poder – <u>em Julho de 2013</u> <u>era afastado</u> pelos militares, a pretexto de protestos em massa contra o seu Governo. Seguiram-se vários massacres; num só dia, mais de 700 apoiantes de Morsi foram mortos no Cairo.
	7º§	<u>O que veio a seguir</u> <u>foi</u> um novo faraó que começou por ocupar o poder e depois se fez eleger. <u>Em Maio de 2014</u> , ...era eleito para a presidência com mais de 93% dos votos. Sissi <u>secou</u> tudo. <u>Depois da repressão contra a Irmandade</u> , com milhares de mortes e de detidos, <u>seguiu-se</u> a repressão contra quaisquer opositores e democratas. <u>Ilegalizaram-se</u> as manifestações, <u>detiveram-se</u> líderes activistas e <u>assustaram-se</u> outros. <u>Têm sido</u> os piores anos de sempre, piores do que os meses de Morsi, piores do que Mubarak.

7 A expressão blocos textuais é aqui usada como metatermo, substituindo-se, por razões teóricas e epistemológicas, ao uso corrente de “unidades textuais” (cf. Coutinho 2019: 72).

3º bloco textual	8º§	Pode sempre piorar. E é por isso que, por estes dias , não <u>há</u> ninguém na Tahir. Os actuais líderes pró-democracia <u>decidiram</u> não sair à rua na última convocatória, no dia 11, ...
	9º§	O Egipto de hoje <u>está de novo</u> assustado, com fome, paralisado. A ONU e a EU <u>manifestam</u> “preocupação” a cada novo ataque contra os direitos. E os líderes do mundo, os mesmos que <u>hesitaram</u> em festejar os protestos que começaram a 25 de Janeiro de 2011, <u>recusaram</u> chamar golpe ao que aconteceu em 2013. <u>Pouco depois</u> , <u>aceitavam</u> Sissi – afinal, um bom ditador, militar e tudo, é preferível a um islamista eleito para liderar o maior dos países árabes.

O primeiro bloco textual, que corresponde aos três primeiros parágrafos, desenrola-se a partir da ocorrência do localizador temporal deítico “*por estes dias, há cinco anos*”: introduzindo a breve citação que será retomada logo a seguir, esta expressão instala o relato (interativo) do que acontecia no Cairo, numa relação de localização retroativa relativamente ao estado atual do processo narrativo (“*a Praça Tahir voltava a encher-se de gente*”, “*pediam-se ainda indemnizações...*”; “*Eram tempos de...*”). Mas verifica-se também, num segmento do segundo parágrafo, um eixo temporal local (demarcado por tracejado, na Figura 2): introduzido pelo localizador temporal anafórico “*nessa noite*” e retomado implicitamente num segundo momento (“*dizia também [nessa noite] Soueif.*”), é o terceiro momento, marcado por “*logo depois*” (com omissão do verbo introdutor de discurso relatado), que assinala a sequencialidade do discurso relatado (de que, na realidade, só ouvimos breves passagens entrecortadas). Este segmento (não por acaso introduzido pelo conector argumentativo) importa não tanto pela sequencialidade do discurso relatado em si mesma, mas por permitir evidenciar uma viragem temática no discurso relatado, do cansaço (e) da incompreensão para a esperança (“*Espero que seja uma nova vaga da revolução*”). Assim, a importância decisiva deste segmento, organizado em função de um eixo de temporalidade local, tem a ver, afinal, com a introdução deste tópico (“*uma nova vaga da revolução*”): de facto, o terceiro parágrafo, que fecha o primeiro bloco textual, fecha-se na constatação do facto de ela – a “*nova vaga de revolução*”, anaforicamente retomada como “*a nova vaga*” – não ter ainda acontecido (“*A nova vaga tarda*”). A ocorrência do PInd neste terceiro parágrafo é determinada pelo localizador temporal anafórico em ocorrência (“*Cinco anos depois*”) – que pode ser interpretado como

retomando a data explicitamente referida no início do segundo parágrafo (“22 de Novembro de 2011”); mas que funciona inequivocamente, em qualquer caso, como o reverso do localizador deítico que inicia o texto. Por outras palavras, “*Cinco anos depois*” coincide com o tempo da enunciação a partir do qual se localiza deiticamente o início do narrar (“*há cinco anos*”). Mantém-se, portanto, a função de temporalidade primeira, determinada pelo localizador que desencadeia o processo narrativo, e evidenciando-se a relação isocrónica com o estado atual do processo narrativo, marcada pelas ocorrências de Plnd (“*só há tanques*”, “*tarda*”).

O segundo bloco textual (que compreende os quatro parágrafos seguintes) abre com um localizador temporal que, à primeira vista, se apresenta como autónomo (“*Em 2011, em Novembro*”); e, de facto, no quarto, quinto e sexto parágrafos, e mesmo no sétimo parágrafo, o processo narrativo organiza-se a partir daí (“*em Dezembro*”; “*No ano seguinte*”, “*em Julho de 2013...*”; “*Em Maio de 2014*”). Mas, na verdade, não se trata propriamente de um localizador temporal autónomo (em sentido absoluto, se assim se pode dizer), porque a localização marcada por “*Em 2011, em Novembro*” coincide temporalmente com o localizador deítico inicial “*há cinco anos*”. E, tal como no primeiro bloco, este segundo fecha com o regresso ao presente, isto é, com uma localização isocrónica relativamente ao momento atual do processo narrativo: anunciada primeiro, através da orientação deítica do verbo *vir* (em “*O que veio a seguir...*”); de forma inequívoca, através da ocorrência do pretérito perfeito composto (PPC) (“*Têm sido...*”).

Ao contrário dos dois blocos textuais anteriores, no terceiro bloco domina a relação isocrónica com o momento atual do processo narrativo, marcado pela ocorrência do localizador temporal deítico “*por estes dias*” – que interage obviamente com o localizador que desencadeia o processo narrativo (“*por estes dias, há cinco anos*”). Para o mesmo fim concorrem o modificador do sintagma nominal com função de sujeito sintático que inicia o último parágrafo, constituindo-se como localizador temporal (“*O Egipto de hoje*”), e as formas de Plnd em ocorrência (“*está de novo assustado*”, “*manifestam*”). É no interior desta relação isocrónica que se estabelece, uma vez mais, um eixo de referência local (também demarcado a tracejado, na Figura 1): de forma simplificada e esquemática, podemos dizer que a peça central deste eixo local é o que corresponde à passagem de “*E os líderes*

do mundo, (...), recusaram chamar golpe ao que aconteceu em 2013” para “Pouco depois, aceitavam Sissi”. É o facto assim (re)disponibilizado – a aceitação de Sissi (pelos “líderes do mundo”) – que determina o período final do texto: o único em que se substitui ao narrar a ordem do expor (tendencialmente autónomo), com ocorrência de marcador de conclusão (“afinal”) e valores de presente não deítico (“é preferível”). É este período final que confere a um texto que predominantemente recorre ao relato interativo o estatuto de *comentário* (estatuto esse autorreferencialmente atribuído). Mas não deixa de ser relevante verificar, retroativamente, que em segmentos em que há relação isocrónica com a atualidade do processo narrativo emerge também o *comentário* – ou o *comentar*, não enquanto género textual, mas enquanto atitude discursiva⁸. É o que se passa no sétimo parágrafo, em que a atitude de comentário aparece associada a escolhas lexicais e aos graus superlativo e comparativo do adjetivo em ocorrência (ocorrências que revelam, ainda que de forma indireta ou mesmo remota, a implicação do agente de produção): “Sissi **secou** tudo”; “Têm sido **os piores** anos **de sempre**, **piores do que...**, **piores do que...**”.

Ainda que fiquem vários aspetos por analisar, o percurso realizado permite evidenciar a imprevisibilidade de um texto catalogado como *comentário* – suscetível de se desenrolar quase totalmente no modo narrativo. Mas, ao mesmo tempo, constata-se a especificidade discursiva do comentário – e a possibilidade de um segmento, determinante na finalidade do texto, determinar a sua filiação ao género dito ‘comentário’.

Um olhar focado na abertura (1º§) e fechamento (último §) deste mesmo texto permite evidenciar ainda alguns aspetos – nomeadamente a construção do ponto de vista do enunciador. Verificamos em primeiro lugar a esperada ocorrência de localizadores temporais com valor deítico no parágrafo de abertura (*há cinco anos*) e anafóricos (*meses depois | em janeiro*). A presença de formas do Imperfeito (Imp) permite uma leitura em que sobressaem valores de [+ continuidade] e, necessariamente, uma leitura [-perfetiva] da situação construída. Por sua vez, no último parágrafo, os valores construídos remetem para a presentificação do que se comenta. Essa presentificação construída a partir do valor inerente a um

8 Numa perspetiva já apontada por Noémia Jorge e Inês Ribeiros (Jorge & Ribeiros 2013).

verbo como 'estar' é reforçada referencialmente pelo SN: *O Egipto de hoje*. Curiosamente, embora não esteja marcado em termos formais, é a partir desta presentificação que o ponto de vista do enunciador surge, quer através do destaque dado na sequência *A ONU e a EU manifestam "preocupação" a cada novo ataque contra os direitos*, e sobretudo na crítica (irónica), presente no último período: *"Pouco depois, aceitavam Sissi – afinal, um bom ditador, militar e tudo, é preferível a um islamista eleito para liderar o maior dos países árabes"*. A presença do Imp nesta sequência reforça a disjunção entre dois planos enunciativos distintos, construindo um intervalo temporal aberto que permite uma leitura atemporal deste comentário. As formas de pretérito perfeito simples (PPS) no último parágrafo permitem, por sua vez, construir a localização temporal (o ponto de partida) que suporta o próprio comentário. Como se esperaria, estas formas funcionam como ancoragem à marcação de anterioridade temporal construída ao longo do texto, permitindo igualmente marcar o ponto de vista sobre o enunciador, responsável pela interpretação de um dado estado de coisas.

4.2. Quando comentar é dar a conhecer

O texto *As últimas da Photokina* faz parte de uma classe de comentários diferentes do comentário anterior. Ao integrar uma secção da *Revista Proteste* designada "o comentário do especialista", a sua característica mais relevante prende-se com uma temática específica – a do universo das máquinas de fotografia. Assumindo uma vertente primordialmente descritiva, todo o texto é marcado por uma terminologia assente num universo inerentemente tecnológico. Assim, as estratégias de construção da referência pressupõem um leitor/coenunciador⁹ especializados que dominam, sob o ponto de vista metalinguístico, cada uma das entidades sobre as quais se predicam propriedades inerentes a esse universo: *"(...) os fabricantes esclarecem que é possível extrair fotogramas com 8 megapixels de um vídeo em 4K(...)"*. O facto de se criar entre enunciador e coenunciador um conhecimento comum é relevante uma vez que, por essa razão, não se encontra a

⁹ Em Culioli (1995), o enunciador e o coenunciador são definidos como parâmetros abstratos de ordem diferentes: o enunciador (S_e) integra o sistema referencial, conjuntamente com T_e , sendo responsável pela localização de todos os enunciados produzidos pelos falantes; o coenunciador, S'_e , é responsável pela validação dos enunciados.

construção da referência como informação nova, mas assume-se toda a informação como partilhada entre o enunciador e o coenunciador. A par (e por causa) desta particularidade, a referência temporal, ao longo do texto, desenvolve-se a partir de dois momentos distintos: num primeiro momento, a localização espaço-temporal do acontecimento localizado espacialmente (“*A cada dois anos, fabricantes, profissionais e consumidores de fotografia rumam às margens do Reno*”) caracteriza-se por uma saliência em que o valor aspetual ganha relevo em relação ao valor temporal expresso. Assim, aspetualmente, o valor de iteratividade¹⁰ que caracteriza este primeiro período é dado pela coocorrência do adverbial *a cada dois anos* com a forma de Plnd do verbo *rumar*. Note-se que a escolha de um predicador como ‘rumar’ permite reforçar um movimento direcionado até um *télos*, desenhando-se a convergência/concentração de participantes com um objetivo comum, num determinado espaço. Este ‘movimento’, apontando para um limite, ou fronteira, parece definir no enunciado uma leitura de natureza [+tética]. No entanto, é a não especificação do SN que integra a posição de sujeito sintático [Ø fabricantes, profissionais e consumidores] que contribui para atribuir uma leitura predominantemente iterativa deste segmento do texto. O segundo período do 1º § descreve estrategicamente não já o acontecimento, tema deste texto, mas o que justifica e caracteriza esse acontecimento. As formas verbais intercalam-se, assim, neste período, entre formas do Plnd e do PPS, ocorrendo, igualmente, formas compostas (PPC) que reforçam o valor aspetual de iteratividade (“os quais **têm vindo a perder terreno**”) e o valor modal de natureza não epistémica (“as máquinas compactas **tiveram de reinventar-se**”).

As formas do Plnd que ocorrem no segundo parágrafo parecem sublinhar o valor de ancoragem temporal de sobreposição em relação ao momento da

10 A discussão entre iteratividade e habitualidade não é pacífica para sequências como a que estamos a referir. Comrie (1976: 327), por exemplo, defende que as frases marcadas com aspeto habitual podem referir um hábito, válido em qualquer intervalo de tempo, e não uma sequencialidade de intervalos temporais, marcadores de iteratividade: “(...) The mere repetition of a situation is not sufficient for that situation to be referred to by a specific habitual (or indeed, imperfective) form (...). A situation can be referred to by a habitual form without there being any interactivity at all”. Em Ilari, Oliveira & Basso (2016) é mostrado que a preferência (ou mesmo obrigatoriedade) em definir de uma leitura associada a ocorrências únicas de uma dada situação ou a leituras centradas nos valores [+habitual] / [+ iterativo] está associada não só a uma interpretação contextual, mas também à oposição que podemos encontrar entre *estar a (in)fer* vs formas de presente: do indicativo. Os seguintes exemplos, adaptados de Ilari, Oliveira & Basso (2016: 402-403) ilustram esta diferença: *O João está a apanhar o comboio neste momento* (ocorrência única) vs *O João apanha o comboio para ir para a Faculdade* (ocorrência com valor habitual). Para uma discussão mais aprofundada sobre as relações semânticas entre iteratividade e habitualidade, ver sobretudo Bertinetto & Lenci (2011) e Carlson (2011).

enunciação. A perífrase ‘começar a V inf’, no presente, reforça este valor: “(...) O badalado 4K também começa a ser integrado nos equipamentos fotográficos (...)”

No 3º e último parágrafo do texto encontramos dois segmentos que remetem para situações temporalmente distintas: no primeiro segmento, as formas de PPS (essencialmente com valor perfeito) caracterizam as sequências em que os valores construídos remetem para situações com intervalos em que o tempo de referência é anterior ao tempo da enunciação (característica estável e canónica associada ao PPS); no segundo segmento, último período do texto, o enunciador dirige-se de forma direta ao leitor/coenunciador, constituindo-se pela primeira vez como responsável pelo que acabou de ser escrito. Esta forma dialógica (“Acompanhe aqui as cenas dos próximos episódios para ter uma resposta mais segura”) procura marcar, em termos comunicacionais, uma proximidade entre ambos, reforçando-se, deste modo, a possibilidade de continuidade de uma partilha de informação, disponível, sempre que a feira se realize: “A cada dois anos (...)”

A análise até aqui desenvolvida pode ser mobilizada num olhar agora focado sobre o plano de texto – evidenciando que a organização em três parágrafos não é a determinante, do ponto de vista da lógica do comentário. O primeiro parágrafo abre com um segmento da ordem do expor, em que assume destaque a ocorrência do localizador temporal “a cada dois anos”, que determina o valor aspetual iterativo da forma de Plnd em ocorrência (“A cada dois anos, fabricantes, profissionais e consumidores de fotografia rumam às margens do Reno”). O segundo período introduz, nesta prática apresentada como habitualmente repetida, um marco de referência temporal de natureza deíctica (“em setembro”, parafraseável como [em setembro p.p.]): esta expressão marca, portanto, a disjunção temporal de natureza deíctica, ao mesmo tempo que introduz o acontecimento de que se vai falar (“A 33ª edição da Photokina, que se realizou em setembro na cidade alemã de Colónia”). É a partir daqui que se estabelece a função de temporalidade da coesão verbal: as ocorrências do PPS marcam uma localização retroativa relativamente ao eixo de referência temporal do tipo discursivo (relato iterativo), enquanto o PPC marca localização isocrónica, tal como as formas de Plnd (“tendências que permitem perspetivar o futuro da indústria”, “O consumidor deste tipo de tecnologias é cada vez mais exigente”). Trata-

se de narrar o percurso inovador da tecnologia, num segmento que, em última análise, justifica a asserção do segundo período do texto (“tendências que permitem perspetivar o futuro da indústria”). É ainda essa mesma a orientação que domina o segundo parágrafo, centrado sobre o vídeo 4k. No início, esbate-se (ou parece esbater-se) a ligação temática e a localização espacial-temporal relacionadas com a 33ª edição da Photokina: o discurso é da ordem do expor, em conjugação temporal marcada pelas formas de Plnd, na construção perifrástica e em associação com o adverbial *ainda* (“começa a ser integrado”, “ainda não há muitos televisores”), a par das formas de Plnd que assumem valores modais de possibilidade ou capacidade (“pode não ser evidente”, “é possível extrair fotogramas...”). Mas a ocorrência de “Os fabricantes” obriga a refazer a ligação à Photokina e ao que aconteceu “em setembro” e é por isso, afinal, relativamente ao eixo de referência temporal do relato interativo que funciona, no último período do parágrafo, a coesão verbal: as formas de Plnd marcam localização temporal proativa, que se sobrepõe a uma mais imediata leitura isocrónica: “[a partir de agora] **Muda[rá]** tudo” / “[agora] Muda tudo”; “**passa[rá]** [a partir de agora] a ser possível” / “passa [agora] a ser possível”. A função conclusiva deste período (sobre o tópico temático do parágrafo, o vídeo em 4K) é também marcada por retomas anafóricas implícitas (“[isso] Muda tudo”, “[assim] passa a ser possível”). Configura-se desta forma um bloco textual, que corresponde a parte do primeiro parágrafo e ao segundo parágrafo, cuja função é dar a conhecer (em modo de relato interativo e de discurso interativo) as “tendências que permitem perspetivar o futuro”.

O terceiro e último parágrafo, naturalmente conclusivo, começa por evidenciar o destaque da Panasonic relativamente aos avanços tecnológicos referidos no bloco anterior e resumidamente retomados através da expressão anafórica “estes dois aspetos”: marcado argumentativamente pela escolha lexical (dar cartas), esse destaque continua a ser narrado, em modo de relato interativo (“A Panasonic deu cartas... Apresentou... Trouxe ainda...”). O período seguinte faz ouvir pela primeira e única vez a voz da instância narradora, linguisticamente marcada pela flexão verbal de primeira pessoa de plural – o que indicia a sobreposição, relativamente à figura do autor, do papel socio subjetivo de jornalista ou mesmo da instância responsável pela deslocação à Photokina, tanto mais que a localização espacial

explícita (“Experimentámos...**na feira**”) é necessariamente entendida como correferencial relativamente à expressão introdutória (“A 33^a edição da Photokina, que se realizou em setembro na cidade alemã de Colónia”). Este período determina as duas linhas de fecho do texto: por um lado, a emergência da instância narradora encontra o seu paralelo na interpelação direta da instância de receção, neste caso representada como instância individual (“Acompanhe aqui”); por outro, a avaliação expressa pela instância narradora (“ficámos com boa impressão”) suscita a ponderação do período seguinte que, introduzido pelo conector argumentativo ‘mas’, põe em perspetiva a necessidade de uma avaliação “com rigor”, de ordem laboratorial; e daí faz decorrer, através da subordinada final (“para ter uma resposta mais segura”), a expectativa relativamente a um retomar do mesmo tópico (“Acompanhe aqui as cenas dos próximos episódios”) – que, em última análise, corresponde a uma espécie de fidelização da instância de receção à rubrica em causa (Comentário do especialista), ou mesmo à revista (uma e outra ambigualmente sugeridas pelo deíctico “aqui”). Em jeito de síntese, a Figura 2 mostra que, neste texto categorizado como “Comentário do especialista”, são segmentos menores – isto é, sintaticamente dependentes de construções mais amplas, com características de relato interativo – que assumem a função de comentar os objetos em análise (no caso, as máquinas compactas reinventadas e o vídeo 4k).

FIGURA 2 – Plano do texto *As últimas da Photokina*

1º bloco textual	1º§	A cada dois anos, fabricantes, profissionais e consumidores de fotografia rumam às margens do Reno. A 33ª edição da Photokina, que se realizou em setembro na cidade alemã de Colónia confirmou tendências que permitem perspetivar o futuro da indústria.
2º bloco textual		Face à competição dos <i>smartphones</i> , para os quais têm vindo a perder terreno, as máquinas compactas tiveram de reinventar-se. O consumidor deste tipo de tecnologias é cada vez mais exigente, pelo que a resposta passou por introduzir características mais nobres, nomeadamente sensores maiores e objetivas mais rápidas. Além disso, foram concebidos modelos camuflados de <i>smartphones</i> , que, em alguns casos, até fazem chamadas.
	2º§	O badalado 4K também começa a ser integrado nos equipamentos fotográficos. À primeira vista, o benefício pode não ser evidente, mas ainda não há muitos televisores capazes de reproduzir conteúdos em ultra HD. Mas os fabricantes esclarecem que é possível extrair fotografias com 8 megapixels de um vídeo em 4K. Muda tudo: passa a ser possível obter uma foto de um instante preciso.
3º bloco textual	3º§	A Panasonic deu cartas nestes dois aspetos. Apresentou a DMC-CM1, uma máquina disfarçada de <i>smartphone</i> com um sensor de uma polegada. Bem maior do que a maioria dos sensores que equipam os <i>smartphones</i> , também faz inveja a muitas contactas. Trouxe ainda a Lumix DMC-LX100, na imagem ao lado, que faz vídeo em 4K. Experimentámos esta máquina na feira e ficámos com boa impressão. Mas, para avaliar a qualidade do vídeo com rigor, nada como o veredicto do laboratório. Acompanhe aqui as cenas dos próximos episódios para ter uma resposta mais segura.
4º bloco textual		

4.3. Sobreposição de valores modais aos valores temporais

A manifestação das formas e dos valores associados ao domínio verbal no texto intitulado *Comentário* caracteriza-se por salientar a ocorrência de verbos e marcadores relevantes no domínio da modalidade, a partir de uma estrutura (quase) constante: Verbo MODAL [+ PI / + FS] INFINITIVO.

Encontramos, assim, ao longo do texto, ocorrências diversas de *dever* e *poder* no presente (“**pode** (e quanto a nós **deve**) **contribuir** para redefinir a questão”) e no futuro (“só a articulação combinada e multidisciplinar das áreas de conhecimento **poderá apresentar** hipóteses credíveis”, “Desta articulação (...) **poderão** surgir perspetivas inovadoras”).

As diferentes possibilidades de inclusão de valores modais [+ epistémicos] devem aqui ser realçadas na leitura e análise deste texto. Para além das formas de presente, as formas de futuro sintético tal como a ocorrência de formas no futuro sintético associadas a *poder*, quer com valor [+epistémico], quer com valor [-epistémico], reforçam o valor modal dos enunciados em que ocorrem.

O reforço de uma leitura em que os valores modais ganham relevo em relação aos valores temporais é ainda observado na marcação explícita

do ponto de vista do enunciador. Este, através de formas de 1ª pessoa (\pm plural), assume a validação das diferentes situações de forma marcadamente explícita: “saber que pode (e **quanto a nós** deve) contribuir”, “**Espero** que tenha ficado claro que, na **minha opinião**”.

Diferentemente do que se verificou em exemplos analisados em textos anteriores, a predominância do Plnd com valor não deítico parece resultar de não estar associada a este texto uma ancoragem estrita que permita a localização em relação a um dado momento, referencialmente estável. Neste texto, e é esta uma das suas singularidades em relação aos textos analisados anteriormente, a ausência de um ponto de referência temporal específico permite uma leitura que, por ser intrinsecamente validada pelo sujeito enunciador, é sempre ‘verdade’ em qualquer T. No entanto essa não fixação temporal está intrinsecamente dependente de um ponto de vista definidor de um percurso interpretativo¹¹, podendo este ser partilhado, ou não, pelo coenunciador.

Será importante sublinhar ainda que o que se comenta – o objeto deste comentário – tem uma natureza concetual – o papel das ciências cognitivas no conhecimento linguístico – e como tal toda a reflexão se caracteriza pela construção de um ponto de vista. A possibilidade de existir, neste texto, uma ‘diluição’ de marcas de temporalidade face à relevância dos valores modais, que emergem na sucessividade e encadeamento de argumentos apresentados, vem reforçar a convicção de que uma análise de formas e construções deve ser capaz de ativar a interação de diferentes categorias gramaticais, devendo ser possível, em cada caso, destacar aquela(s) que, pela natureza do(s) texto(s) em que ocorre(m), se tornam relevantes e interessantes para a interpretação desse texto.

Na sequência da análise já desenvolvida, e em articulação com a marcação explícita do ponto de vista do enunciador, cabe ainda assinalar a ocorrência de uma forma particular de *comentário* no interior do texto apresentado como (e intitulado) *comentário*: trata-se da modalização autonímica, desdobramento enunciativo que se configura como “comentário reflexivo sobre o dizer” (Authier-Revuz 2003: 73)¹². Esse desdobramento

11 Apropriamo-nos em sentido lato da designação de Eco (2010) sobre o conceito de ‘percurso interpretativo’ e de ‘interpretação’.

12 O fenómeno fora já muito anteriormente observado pela autora (nas obras clássicas sobre heterogeneidade discursiva, que datam dos anos noventa do século passado.)

é marcado, no caso em análise, pelo recurso a parêntesis na passagem já anteriormente destacada: “pode (**e quanto a nós deve**) contribuir para redefinir a questão”¹³.

5. Notas conclusivas

Tudo o que dissermos em jeito de conclusão será necessariamente limitado pelo reduzido número de textos analisados. A esta circunstância contrapõe-se, no entanto, o exercício de lidar com textos relativamente longos: uma página de jornal pode ser vista, na prática, como um texto muito longo, quando se pretende olhá-la com a lente – dupla, mas bem articulada – das formas e construções gramaticais e da configuração discursiva e textual.

Tendo assim em conta estes dois fatores, julgamos possível elencar algumas das perspetivas que as análises desenvolvidas evidenciam e confirmam, relativamente aos nossos propósitos iniciais.

Se nos centrarmos na manifestação dos tempos gramaticais, verificamos existirem estratégias de abertura e de fechamento dos textos em análise que, de alguma forma, desenham uma sistematicidade na sua estruturação. Por outro lado, as análises mostram duas perspetivas distintas mas convergentes, no que diz respeito ao facto de se tomar como ponto de partida a temporalidade: os tempos gramaticais (assim como outras formas associadas à localização temporal) interagem com outras categorias gramaticais, sendo essa a via para captar o papel que desempenham na produção/interpretação dos textos em que ocorrem; da mesma forma, as questões temporais, ou de coesão verbal, articulam-se com aspetos temáticos, contribuindo para a fixação e o reconhecimento (em termos de produção e de interpretação, respetivamente) do plano de texto.

Finalmente, no que diz respeito à questão do comentário, confirma-se a um primeiro nível o que o corpus *G&T.Comenta* evidencia: que, sob a etiqueta *comentário*, circulam textos muito diversos. Mas as análises desenvolvidas permitem evidenciar que, ao contrário do que se

13 Sobre pontuação polifónica, veja-se Anis et al. (1988).

poderia esperar, os textos categorizados como comentário não recorrem necessariamente, de forma predominante, a segmentos de discurso da ordem do expor. Este facto evidencia a importância das formas linguísticas que, pontualmente, definem a construção de ponto de vista, bem como a configuração global do texto, que permite reconhecer segmentos, por curtos que sejam, em que sobressai a atitude apreciativa. Na sequência do que acaba de ser dito, foi também evidenciada a distinção entre o comentário (como género) e a atitude discursiva que comenta (inclusivamente o próprio dizer).

A plasticidade do comentário não pode senão continuar a suscitar outros trabalhos, outras investigações – num tempo (e num espaço) diferentes deste que aqui se fecha.

REFERÊNCIAS

- Anis, J., Chiss, J.-L., & Puech, C. (1988). *L'écriture. Théories et descriptions*. De Boeck Université.
- Authier-Revuz, J. (1995). *Ces mots qui ne vont pas de soi : Boucles réflexives et non-coïncidences du dire* (Vol. 2). Editions Larousse.
- Authier-Revuz, J. (2003). Le fait autonymique : langage, langue, discours. Quelques repères. In J. Authier-Revuz, J., M. Doury, & S. Reboul-Touré (Orgs.), *Parler des mots – Le fait autonymique en discours* (pp. 67-96). Presses de la Sorbonne Nouvelle.
- Bertinetto, P. M., & Lenci (2011). Habituality, pluractionality and imperfectivity. In R. Binnick (Ed.), *The Oxford Handbook of Tense and Aspect* (pp. 852-880). Oxford University Press.
- Bronckart, J.-P. (1997). *Activité langagière, textes et discours. Pour un interactionisme socio-discursif*. Delachaux et Niestlé.
- Bronckart, J.-P. (2008). Genres de textes, types de discours, et « degrés » de langue. *Texto! Textes et Cultures*, 13(1).
- Campos, M. H. C. (1997). Pretérito perfeito simples, pretérito perfeito composto. In *Tempo, aspecto e modalidade. Estudos de Linguística Portuguesa* (pp. 9-51). Porto Editora.
- Carlson, G. (2011). Habitual and Generic aspect. In R. Binnick (Ed.), *The Oxford*

- Handbook of Tense and Aspect* (pp. 828-851). Oxford University Press.
- Comrie, B. (1976). *Aspect*. Cambridge University Press
- Coutinho, A. (2019). *Texto e(m) linguística. Teorias, cruzamentos, aplicações*. Edições Colibri.
- Coutinho, M. A., & Jorge, N. (2012). Géneros de texto e construção discursiva do tempo. *Verba Hispanica*, 20(1), 145-164. <https://doi.org/10.4312/vh.20.1.145-164>
- Culioli, A. (1995). *Cognition and representation in linguistic theory*. John Benjamins Publishing.
- Culioli, A. (1990). *Pour une linguistique de l'énonciation. Opérations et représentations*. Tome 1. Ophrys
- Eco, U. (2010). *Os Limites da interpretação*. Bertrand.
- Ilari, R., Oliveira, F., & R. Basso (2016). Tense and aspect: a Survey. In W. L. Wetzels, S. Menuzzi, & J. Costa (Eds.), *The Handbook of Portuguese Linguistics* (pp. 392-407). Wiley Blackwell.
- Givón, T. (2001). *Syntax: An Introduction* (rev. ed.). John Benjamins Publishing.
- Jorge, N., & Ribeiros, I. (2013). *Oficina. Do comentar ao comentário: atitudes discursivas e género textual* [Comunicação]. 5º Encontro Internacional de Reflexão sobre a Escrita, Universidade de Aveiro, Portugal.
- Lyons, J. (1977). *Semantics*. Cambridge University Press.
- Oliveira, F. (1998). Algumas questões semânticas acerca da sequência de tempos em português. *Revista da Faculdade de Letras: Línguas e Literaturas* (1998), 421-432. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/8074>
- Oliveira, F. (2003). Tempo e aspecto. In M. H. M. Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, I. H. Faria, S. Frota, G. Matos, F. Oliveira, M. Vigário, & A. Villalva. *Gramática da Língua Portuguesa* (pp. 127-178). Caminho.
- Oliveira, F. (2013). Tempo verbal. In E. B. P. Raposo, M. F. B. do Nascimento, M. A. C. da Mota, L. Seguro, & A. Mendes (Orgs.), *Gramática do Português* (Vol. 1, pp. 509-553). Fundação Calouste Gulbenkian.